

JOSÉ CARDOSO PIRES

PRÊMIO CAMILO CASTELO BRANCO DE 1964

QUANDO chegámos a casa de José Cardoso Pires, a negra Ella Fitzgerald enchia com a sua voz a acolhedora sala onde encontrámos o escritor. Esta «pequena insignificância» fez-nos sentir mais à vontade: de Cardoso Pires apenas conhecíamos o João e a Guida de *Anjo Acorado*, o Padre Casimiro de *O Renter dos Heróis*, o António Grácio de *Os Caminheiros*. De Cardoso Pires apenas conhecíamos o escritor. O homem, era a primeira vez que o iam encerrar. Mas Ella era qualquer coisa de comum...

— Gosta? — perguntámos.
— Sim. E de Charlie Parker, de Gerry Mulligan, do Modern Jazz Quartet.

E numa transição:
— Há horas para Vivaldi, para Mozart e para Bartok (os compositores da minha preferência) e há horas para a «bossa nova» de dois brasileiros requintados como António Carlos Jobim ou Baden Powell.

Suspende-se, acende um cigarro e conclui o pensamento:
— E todas são horas de viver e de experimentar o homem (algures, na *Bíblia*, podia estar escrito um conselho assim — acho eu...).

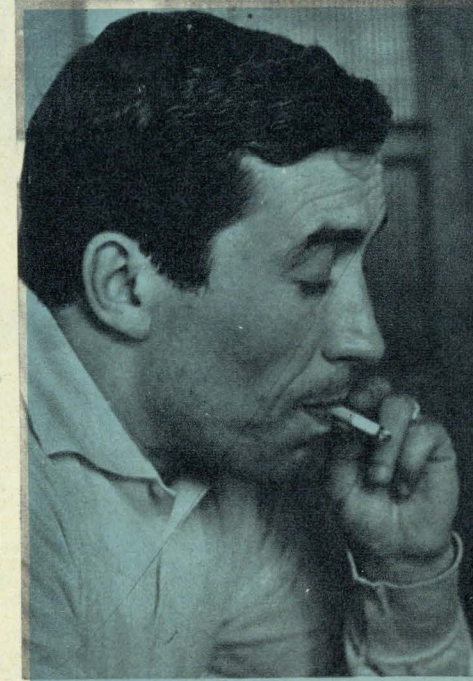
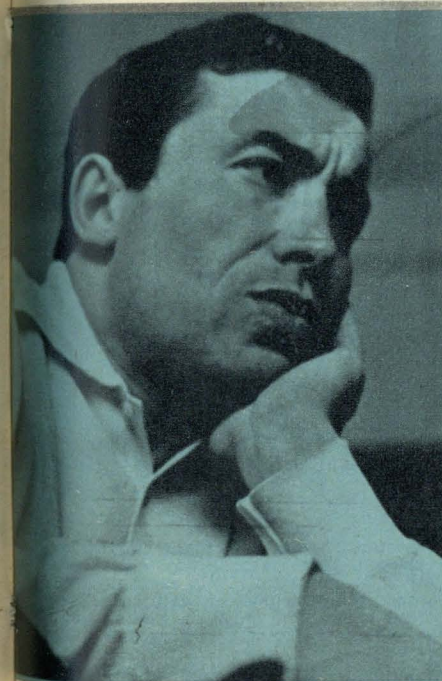
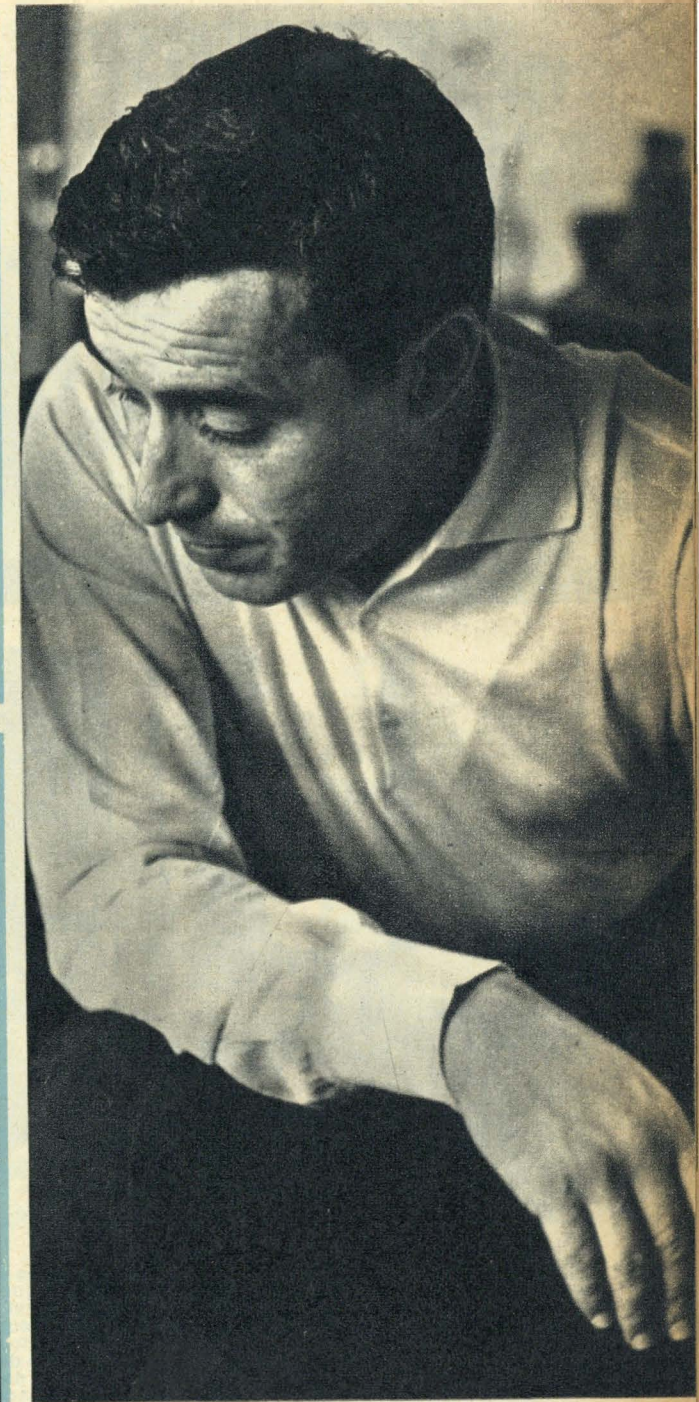
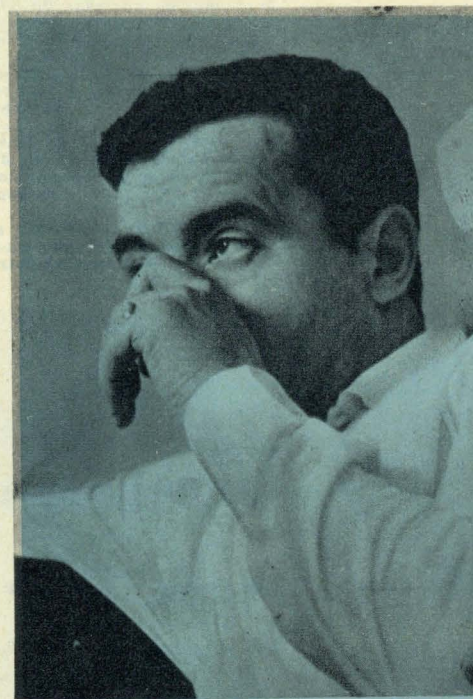
Final, a apresentação tinha sido fácil. *Corrigimos* a timidez: José Cardoso Pires era um homem afável, simpático, preciso, respirando *coragem viril*. Mas, sobretudo, falava sem estabelecer «distância». No decorrer da conversa, aliás, ele vincaria a sua maneira de ser:

— O facto da actividade do escritor exigir dele uma feição extremamente pessoal de interpretar a existência, não justifica certo aparato exótico de que se rodeiam alguns artistas de província. Andar «fardado» de escritor é tão ridículo como andar «fardado» de político ou de beatnik.

★

Quando entrámos para o gabinete de Cardoso Pires estávamos completamente à vontade. Aquil, à medida que a conversa decorria, tentávamos descobrir o *homem*. Uma simplicidade agradável, ao mesmo tempo endurecida por uma experiência multifacetada: estudante de Matemáticas, praticante de piloto (sem curso) da Marinha Mercante, intérprete e funcionário da uma companhia de aviação

“ANDAR FARDADO DE ESCRITOR
E TÃO RIDÍCULO
COMO ANDAR FARDADO DE BEATNIK”



angariador de publicidade, funcionário público — uma biografia que não parece entusiasma-lo, de resto, e que tem a grande viragem para o profissionalismo das letras precisamente no dia em que entrou para a redacção desta revista. Com efeito, a «Eva» teve durante largos anos em José Cardoso Pires um dos seus mais categorizados colaboradores.

— Sem a experiência de redactor da «Eva» eu nunca poderia ter montado a equipa do «Almanaque» — comenta ele, a este respeito.

Dessa actividade diria na «Eva», o escritor guarda «inestimáveis recordações». E também alguns momentos pitorescos, como este que nos contou a sorrir:

— Não sei se se lembra da vinda a Portugal, há anos, dos manequins do Dior. A cidade andava alvoroçada com a visita e eu preocupado com a organização da reportagem de que fora encarregado. Desde a recepção até à partida, os «modelos» não tiveram um momento livre e era preciso romper a barreira que se fazia à volta deles. E vai daí, resolvi surpreendê-los nos seus camarins. Eu e o fotógrafo entrámos inesperadamente por ali dentro quando as belezas, as *cover-girls* que meio mundo conhecia das capas da «Vogue» e da «Elle» se encon-

travam no mais inocente e despido à Pontade, preparando-se para envergar as criações «Chez Dior». E o que vi trouxe-me à realidade: afinal os meus 23 anos, haviam erguido um mito da beleza de mulher, tinham-me feito esquecer que o manequim é, antes do mais, um cabide... A desilusão quebrou o mito e a experiência fez-me compreender a valorização da mulher.

A traços muito largos, eis o perfil de José Cardoso Pires, o laureado deste ano com o «Prémio Camilo Castelo Branco».

Foi precisamente o prémio que nos fez mudar de assunto:

— *Pensava realmente ganhar o Prémio?* — perguntámos-lhe.
— Bom... é difícil responder. Um prémio, aqui e em qualquer parte do mundo é rodeado de prognósticos que se alternam e se

texto de EDITE SOEIRO
fotos de SEBASTIÃO RODRIGUES e E. GAGEIRO

JOSÉ CARDOSO PIRES



contrapõem às vezes por imponderáveis a que os autores são completamente estranhos. E até a sua obra, o que é pior...

— Além do prestígio e da repercussão de um galardão como este, qual é para si o maior significado deste acontecimento?

— Não sei. Churchill continuou a ser escritor depois de ter recebido o Prémio Nobel. Pasternak já o era antes de o ter recusado. E há, pelo menos, uma boa dezena de génios da literatura que jamais foram citados nos júris da milionária Academia Sueca...

— E quanto ao «O Hóspede de Job»? Considera-o fora dos cânones habituais do romance, como foi discutido pela crítica?

— Os catálogos da classificação dos géneros literários estão (felizmente) bastante renovados e menos ortodoxos. E isso porque, em 1964, há novas dimensões para apreciar o homem, novas formas



de síntese para o descrever e, portanto, uma velocidade narrativa diferente daquela que nos foi legada pelo naturalismo. «As boas intenções» de Augusto Abelaira é um admirável exemplo de romance em que o problema espaço-tempo é posto com uma originalidade com que jamais, entre nós, alguém o tinha posto. Isso não descobriu Abelaira em nenhum catálogo. Os catálogos é que têm que recorrer a ele, se quiserem...

— Considera «O Hóspede de Job», um romance neo-realista?

— Evidentemente. E sob certo aspecto excessivamente demonstrativo disso.

— Porquê?

— Porque anda em cima de uma matéria condenada, precisamente para a libertar dos cordelinhos com que alguns populistas-materialistas a têm tratado. Muitas vezes, o escritor integrado numa determinada estética incorre na tentação de utilizar os elementos mais rudes e mais primitivos no desejo de os superar e recriar.

★

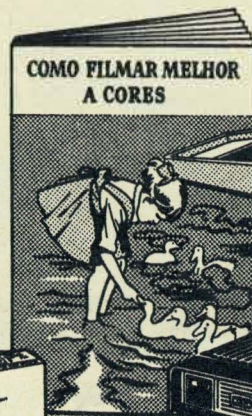
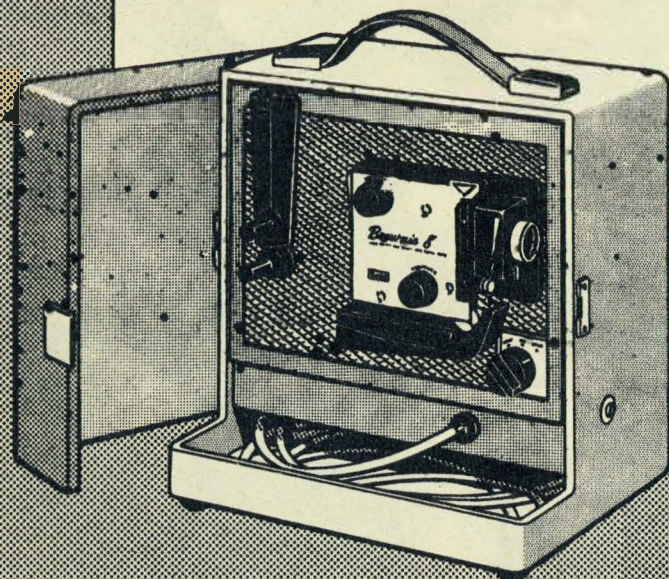
Temos diante de nós um velho retrato de jovens posando para um fotógrafo ambulante. Data do tempo de *Os Caminheiros*, o livro com que José Cardoso Pires iniciou a sua carreira literária. Estão nela Cesariny e O'Neill, dois poetas que mais tarde iriam ser chefes de fila do surrealismo.

— Nessa altura — diz-nos o escritor — já nós pretendíamos um realismo isento de conserações e de demagogia. O'Neill, Vespelira, Fernando Azevedo, eu e Luís Pacheco procurámos no surrealismo a contra-resposta a esse caminha fácil e folclórico.

- 2 É aqui que José Cardoso Pires produz a sua obra. Só, com as suas personagens, garrafas de leite, tabaco inglês e o «Xavier» — um gato malhado, inteligente, companheiro-de-trabalho do escritório. Encontraram-no numa rua: ferido, quase morto. Hoje ninguém o diria. Quando escreve, Cardoso Pires serve-se de dicionários, jornais, fotografias: «de tudo menos de prontuários». Depois, deixa as coisas escritas na gaveta, a «aboborar». A primeira versão de «O Hóspede de Job» foi escrita em 1953
- 3 Foi aqui — no casal da Sr.^a Piedade em Belas — que a versão definitiva de «O Hóspede de Job» foi redigida. Cardoso Pires, quando pode, evade-se da cidade: nessas alturas não escreve. Lê muito e ouve os seus discos preferidos
- 4 Uma fotografia histórica: a equipa do «Almanaque». Da esquerda para a direita reconhecem-se Alexandre O'Neill, José Cutileiro e Augusto Abelaira, ao lado de Cardoso Pires



TUDO O QUE É PRECISO PARA FILMAR E PROJECTAR OS SEUS FILMES!



TUDO POR
2.990\$
+ I.C.

VISITE O SEU REVENDEDOR KODAK OU A KODAK PORTUGUESA, LTD. — LISBOA-PORTO

JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação da pág. 24)

— Contudo nos seus livros não se percebe, ao que julgo, qualquer rasto surrealista...

— E compreende-se: desde sempre, aquele caminho apresentou-me um tipo de liberdade que cedo se me revelou estar limitada por definição, num país como o nosso. Quer dizer: o surrealismo vivia de uma aparente libertação individual. Em tudo quanto escrevi, a presença do surrealismo é nula. Há certamente um desejo de contrapor, permanentemente, a verdade e o mito, a crónica e a fábula.

DIALOGO SOBRE O REALISMO

Foi depois da experiência com o surrealismo que José Cardoso Pires começou a produzir mais intensamente. Não escreve senão em casa («Não sou capaz de trabalhar em hotéis ou em cafés...» — aliás, ele não gosta de café) e nessas ocasiões, em períodos de quinze e vinte dias consecutivos, fumando muito e bebendo leite. Antes de começar qualquer obra, esboça-a num plano pormenorizado que depois «é a todo o momento alterado e reactualizado por imperativos, que, naturalmente,

vão sendo postos ao convívio com a verdade das personagens». Um caso concreto: *O Anjo Acorado* foi reescrito e planificado de novo depois duma versão que orçava pelo dobro daquela que foi publicada.

Não nos admira, portanto, que seja ele próprio a reconhecer:

— A única virtude que posso descobrir em mim é não ter pressa.

A necessidade de «corrigir e aguardar» vem-me como exemplo de um dos prosadores actuais que mais admiro: Aquilino.

— Desse autor quais os livros que mais considera?

— Aquilino escreveu «A Casa Grande de Romarigães». Se lhe juntar o «Barranco de Cegos», de Redol, terá dois dos maiores romances (na minha opinião) da literatura portuguesa dos últimos 60 anos. Isto é tão flagrante para mim que, entre duas obras de tantas afinidades como «A Casa Grande» e o «Leopardo» de Lampedusa, prefiro a primeira. Francamente.

— E no entanto, o «Leopardo» é um dos maiores «best-sellers» da actualidade...

— ...O que não significa tudo, deixe-me que lhe diga. O mercado internacional nem sempre vai buscar o melhor que uma literatura produz em cada país. *A Selva*, por exemplo, está longe de ser o melhor romance de Ferreira de Castro, mas é com certeza o mais conhecido.

— ...E aquele que teve maior repercussão nos escritores realistas portugueses.

— Falar dos pobres e dos deserdados é meritório como atitude individual, mas literariamente não chega. Ferreira de Castro não teve qualquer influência nos escritores da minha geração.

José Cardoso Pires serviu-se mais uma vez de *whisky*. Levou o copo à boca. Apontou para um exemplar da *Chartreuse de Parme*.

— Não acha que o *snob* Stendhal, apesar de diplomata e homem de salões dourados, foi um espantoso escritor?

★

Deixámos a casa de José Cardoso Pires, satisfeita com o acolhimento e com a franqueza do escritor. Já no autocarro, lembrámos certo passo curioso da conversa:

— Um dos meus sonhos era ser *barman*. Porquê? É uma profissão altamente especializada: exige um conhecimento técnico muito grande e um tacto psicológico excepcional. O contacto humano, neste ofício, começa com uma vassoura na mão e acaba ao balcão, verdadeiro muro de lamentações.

— Não duvidámos: estranho homem este «Prémio Camilo Castelo Branco 1963-64». Estranho, mas simples.

MEX

10 PENSOS HIGIÉNICOS SOLÚVEIS 10\$00

Peça nas casas da especialidade ou ao Distribuidor:
C. Santos Carvalho — Tel. 77 30 29 — Apartado 1096
— Lisboa — Amostras grátis.